

**O índio platino como *papel branco*:
os primeiros tempos da Imprensa na América Jesuítica (1580-1780)¹**

Fernanda Gisele Basso, acadêmica de Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) e bolsista do Programa de Iniciação Científica (Proic) da Unicentro ²

Márcio Fernandes, jornalista profissional e professor concursado da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)³

Resumo

Nos confins da América, durante 200 anos, padres católicos e índios guaranis construíram mais do que edificações (Reduções Jesuíticas). O presente projeto estuda a implantação e os impactos de uma cultura que os habitantes nativos jamais sonharam – o universo letrado, simbolizado pelos livros, trazidos pelos europeus, recurso esse que fazia deixar de lado a oralidade que dominava aquele pedaço de chão americano, a partir dos indígenas (taxados de papel branco), sacerdotes, militares, viajantes e membros da Coroa, o que propiciou um circuito regular de comunicação interna e em direção à Europa.

Palavras-chave

América Jesuítica; Processos Comunicacionais; Cultura das Letras; Imprensa

¹ Pesquisa financiada pelo programa Bolsa de Iniciação Científica (BIC) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Paraná.

² Formanda em Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) e bolsista Programa de Iniciação Científica (Proic) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Paraná. E-mail: nandinha_basso@hotmail.com

³ Jornalista profissional, mestre em Comunicação e Linguagens, professor efetivo do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), líder do grupo de pesquisa Processos Midiáticos Eletrônicos e Impressos e presidente do Fórum Nacional de Coordenadores de Comunicação das Universidades Estaduais e Municipais (Focco/Abrium). E-mail: marciofernandes@unicentro.br

O índio platino como *papel branco*: os primeiros tempos da Imprensa na América Jesuítica (1580-1780)

Na metade do século 17, as Reduções Jesuíticas se encontravam nos confins da América. Grande parte do Novo Mundo estava mapeada e conhecida, mas apenas uma pequena parte, colonizada. Sobretudo no Sul do continente, a prestigiosa Companhia de Jesus havia sido encarregada décadas antes de fazer a sua parte neste processo de ocupação do solo, estabelecendo colônias para vida coletiva à base do trabalho dos índios guaranis, em uma faixa de terra que hoje abarca o Estado do Rio Grande do Sul e partes de duas nações vizinhas – Argentina e Paraguai, mas que, como bem lembra BANGERT (1972, p. 313), pertencia à época ao Vice-Reinado do Paraguai.

Sob o argumento de também levar a doutrina cristã aos guaranis, tidos por pagãos, como uma suposta tarefa divina, sacerdotes embalados pelas visões de Ignácio de Loyola (mais tarde canonizado) construíram um colosso coletivo que durou dois séculos que ainda instiga a memória coletiva pela complexidade do que ali se protagonizou – da construções arquitetônicas às manifestações artísticas, passando pelo aspecto mais impressionante e objeto de estudo deste artigo: a implantação do universo letrado em um grupo social que, na ótica européia, era bárbaro demais, oral demais, atrasado demais, portanto, para os padrões civilizatórios do Velho Mundo, resultando na formação de um formidável circuito comunicacional, que se materializava em livros, enquanto aspecto unitário, e em bibliotecas públicas.

O presente documento, portanto, está centrado na compreensão das estratégias lançadas pelos religiosos da Companhia para tornar factível a suposta salvação das almas guaranis ou, na visão das Coroas ibéricas (Portugal e Espanha), a domesticação do 'gentio', como de costume eram chamados os nativos, de modo que, quando conveniente, servissem para a intimidação dos inimigos, na defesa das fronteiras ou para contribuir no desenvolvimento da rudimentar economia que ali se estava instalando, tendo como eixos geográficos os rios Uruguai, Paraná e Iguazu, agora integrantes da chamada Bacia do Prata.

Robert DARNTON, em seu *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII* (2003: 41), acerca do fluxo das informações na França pré-Revolução de 1789, pondera que:

“Cada sociedade desenvolve seus próprios meios de buscar e reunir informação; suas maneiras de comunicar o que reúne, quer ela use ou não de conceitos como notícias ou meios, podem revelar muito sobre sua compreensão da própria experiência”.

Para dar conta dessa tentativa de produzir uma *compreensão própria* do universo indígena, padres católicos de diversas partes da Terra que cruzaram pela América Missioneira (termo decorrente das Missões, nome alternativo às Reduções, que serviam para identificar as cerca de 40 cidades construídas por religiosos e nativos ao longo dos dois séculos de estudo em questão – 1580 a 1780, aproximadamente) operaram com a introdução do letramento de dois modos que se mesclavam o tempo todo – a cultura do manuscrito (dividida em ler e escrever, sobretudo) e as técnicas de impressão, derivadas da invenção do século 15 do alemão Johannes Gutenberg, os tipos móveis. Eram os jesuítas parte de um grupo social que via no letramento uma forma eficiente de dominação do pensamento coletivo e a eles se somavam viajantes eruditos e os mandatários da Colônia, dentre outros.

Roger CHARTIER (2002: 81) atesta que a imposição da escrita é uma via de mão dupla para aqueles por ela atingidos, na medida em que amplia os canais de mensagens: “Se as escritas expostas são um dos instrumentos utilizados pelos poderes e pelas elites para enunciar sua dominação – e conquistar adesão -, são também uma forma de os mais fracos manifestarem sua existência ou afirmarem seus protestos”.

No primeiro caso da espécie de letramento, dos manuscritos, jesuítas costumavam produzir documentos que eram sistematicamente enviados às Coroas e aos superiores católicos na Espanha e na Itália (pela obediência devida ao Vaticano). MONTOYA, citado por Karina DOHMANN e Maria Angélica AMABLE em *Historia del Montoya* (2002, p. 45), era um dos inicianos mais laboriosos, tendo produzido o seguinte relato por volta de 1630:

“Os índios que estão nestes rios estão escondidos, por medo dos espanhóis, e são muitos, formando uma população muito grande; os caciques têm saído pouco dali, com uns poucos índios, para ver-nos e que, se sentirem seguros, virão em maior quantidade. (E os índios costumam andar) sem camisa e sem sapatos, com as poucas roupas esfarrapadas, com mil remendos”

Quanto à catequização em si, MONTOYA diz (*idem*) que, sendo exequível ter mais sacerdotes que protejam os nativos dos flagelos de espanhóis e portugueses, “será possível reduzir (doutrinar) quase a todos, sendo feita aqui uma das mais abundantes e lúcidas ações da Cristandade nas Índias Ocidentais”.

Por lúcida, bem entendido, queria se dizer a alfabetização básica de crianças, mulheres e homens adultos. Olinda KOSTIANOVSKI (1987: 82) recorda que

“Se bem que a aprendizagem não era de caráter obrigatório, os filhos dos caciques, de assistentes dos caciques, dos guerreiros, dos artesãos, dos demais administradores da Redução e dos músicos assistiam classes todos os dias. A admissão na escola dos nativos se fazia desde os 7 anos de idade, com ensinamentos elementares, por certo, mas de enorme utilidade prática, com leituras em guarani e espanhol, além de conversação e interpretação de escrituras e aritmética”.

E, neste processo de alfabetização, para além do consumo do Evangelho, estavam incluídos simbolismos da fé cristã e a disponibilização de uma infra-estrutura clássica dos bancos escolares. KOSTIANOVSKI (idem: 86) continua:

“A permanência de um menino na escola era geralmente de três horas pela manhã e três horas à tarde, admitindo-se a frequência de meninas, mas em separado. Temos notícias de que as classes estavam equipadas com uma mesa larga de madeira, com bancos largos próximos à mesa, e outros bancos dispostos em fila. Em frente aos bancos, estava um estandarte da Virgem, que era a protetora dos estudantes”.

À confecção contínua de tais relatos manuscritos passou a se somar, a partir do século 17, a prática de produção de livros com catecismos e dicionários do idioma guarani, impressos que eram na Europa ou mesmo no território platino, em uma epopéia na qual as prensas eram importadas do Velho Mundo, desembocando no porto uruguaio de Montevideú. Dali, no lombo de cavalos, eram transportadas por cerca de 1 mil km até Ciudad Real de Guairá, nas atuais fronteiras do Paraguai com os Estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, onde floresceu uma dos povoados da lista de 40. Ou até a zona de Córdoba (hoje cidade argentina, antes vila paraguaia).

Em um impressionante processo de mudar de hábitos, de aculturação forçado, índios chegaram a legar à posteridade a autoria de livros, como o cacique Nicolas Yapuguay, mentor de *Explicación de el Catechismo en Lengua Guaraní* (Anexo 1) e *Sermones y exemplos en Lengva Guaraní* (Anexo 2), tido por muitos como os primeiros livros rodados completamente por índios em uma máquina plana existente na América Missioneira, em 1724 e 1727, respectivamente. Josefina PLA, em texto na Biblioteca Virtual do Paraguai (s/d), aponta dado complementar a esse, na medida em que, em 1713, o padre Antonio GARRIGA teria editado *Instruccion practica para ordenar santamente la vida*.

A questão da primazia pela impressão local de um livro é anterior aos escritos de Yapuguay também para outros pesquisadores. Antonio ASTRAIN, em *Jesuitas, guaraníes y encomenderos* (1995: 244-245), argüi que havia obra local ainda antes daquilo produzido por GARRIGA:

“O primeiro livro que produziu essa (outra, em relação ao equipamento de Yapuguay) máquina saiu em 1705. Era a *Diferencia entre lo temporal y eterno* (Anexo 3), do padre Eusébio Nieremberg, traduzida para o guarani pelo padre José Serrano. Formava um tomo em folhas com letras capitulares gravadas e muitas ilustrações, imitando a edição de Amberes de 1684. Tais desenhos foram muito oportunas para meter nos olhos dos pobres índios as verdades de nossa fé”.

Paralelamente, a pesquisadora Fernanda VERÍSSIMO (2003), em depoimento para o portal Mundoquele.ofaj, relata que *Martirologio Romano* e *Flos Sanctorum* seriam obras em espanhol e guarani de 1700, sobre a vida de santos. A informação, entretanto, carece de confirmações, devido ao paradeiro desconhecido de exemplares de tais obras. *Martirologio* teria sido impresso na Redução de Loreto.

Por aqueles tempos, Serrano, o tradutor, não foi comedido ao adjetivar o que ali estava acontecendo: “Pois isso é uma obra do dedo de Deus, tanto mais admirável por sabermos que os instrumentos são uns pobres índios, novos na fé, e sem uma direção dos mestres (impressores) da Europa”, conforme transcreve Josefina PLA (s/d), em texto veiculado no portal da Biblioteca Virtual do Paraguai (BVP), mantido pela Presidência da República do Paraguai.

O mesmo ASTRAIN (idem: 245) relata que as letras e lâminas de metal haviam sido fundidas pelos próprios índios guaranis, que rapidamente se transformaram em tipógrafos hábeis, em um processo de aprendizagem por imitação que se tornaria notório também na confecção de esculturas em madeira de santos católicos. E, em um ato que anteciparia em quase três séculos uma prática comum nos jornais contemporâneos (que operam com exemplares impressos simultaneamente em vários locais), a obra teve edições originadas em vários pontos da América Missioneira. ASTRAIN (ibidem):

“Outra particularidade curiosa dessa impressora é de haver sido um tanto ambulante, pois alguns exemplares do livro *Diferencia* foram rodados em Santa Maria la Mayor, outros em Loreto, outros em San Francisco Javier (todas na fronteira atual de Argentina e Brasil), enquanto que outros dizem *apenas*

impresso nas Reduções.(...) Suspeito que todo mistério consistia em que o padre jesuíta que manjava esta máquina e que era diretor dos índios tipógrafos devia mudar sempre de povoado missioneiro, como sucedia sempre nas Reduções e, ao fazer tais mudanças, levava consigo seu artefato tecnológico, que, em mãos de outros, teria sido inútil”.

Coincidentemente, as duas obras de Yapeguay foram impressas também em locais distintos, a primeira delas em Santa Maria la Mayor, a segunda em San Francisco Javier.

Antes da publicação de livros, entretanto, há de se ressaltar um esforço de quase sete décadas de vários inicianos para a instalação de uma prensa no Pampa missioneiro. Josefine PLA (s/d), no portal da Biblioteca Virtua do Paraguay, conta que, a partir da década de 1630, líderes em solo latino da Companhia reiteradamente solicitavam a seus superiores, na Europa, a disponibilização de um equipamento de impressão, como mencionado em uma ata de uma reunião de sacerdotes acontecida em 1633 em solo argentino. Diz PLA:

“Insistentemente, pede a congregação jesuíta que nosso superior conceda uma tipografia para imprimir várias obras em guarani sumamente necessárias. O padre Ferrusino mencionou que viajou a Roma levando um memorando para o diretor Vitelleschi, no qual figurava, com primeiro item, o pedido de uma prensa, para rodar (o livro) *Arte e vocabulário* e outras coisas na língua guarani do Paraguai. Pedem que se mande da França, Alemanha ou Flandres algum irmão jesuíta impressor. O superior prometeu fazer todo o possível e, quanto ao impressor, disse que fará o que se pede com muito gosto”.

Ainda que tenha permanecido na esfera da promessa, a petição serviu de impulso para os primeiros passos da cultura comunicacional que se desenvolveria na geografia pampeana. Em 1636, ilustra-se, apareciam por ali exemplares de *Arte e vocabulário da Língua Guarani*, de Montoya, impresso em Madrid. Também na capital espanhola seria rodada, em 1639, a edição inaugural de *Conquista espiritual* feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape, escrita pelo mesmo Montoya.

Mas, não obstante as práticas de letramento protagonizadas por nativos (levados, portanto, a abandonar aos poucos a cultura da oralidade) e eclesiastas (simbolizadas também em boa medida pelas cartas anuais, espécie de relatórios anuais remetidos aos superiores contendo balanços das ações nas Reduções), há de se considerar a pertinência de se estudar a produção literária (manuscrita ou em papel impresso) dos demais grupos sociais que perambulavam com regularidade pela América Missioneira de então – os

representantes d'el Rey, portando as cédulas reais, que tentavam regular sempre mais o cotidiano dos povoados platinos; os oficiais militares, a quem cabiam as funções de promover invasões para a tomada/retomada de terras e propriedades, manter a paz e ocupar territórios pouco conhecidos; e viajantes de toda espécie, fossem andarilhos ou gente estudada, como botânicos, que repetidamente retornavam ao Velho Mundo deslumbrados com o que viam nos *confins* da América.

Uma avaliação detalhada de documentos produzidos pelos grupos sociais acima nominados permite o cruzamento de versões sobre acontecimentos que, em última instância, ainda são passíveis de releituras ou complementos, dada a diversidade e enormidade dos textos disponíveis. Dentre os fatos em questão, indica-se a jornada de migração forçada (devido a acordos políticos entre as Metrôpoles ibéricas) de pelo menos 12 mil indígenas e padres por volta de 1630 da margem Ocidental do rio Uruguai (onde agora se assenta do Rio Grande do Sul) para o lado Oriental (no atual Estado argentino de Misiones); a Guerra Guaranítica, por volta de 1756, resultante da partilha de terras havida anos antes (1750, pelo Tratado de Tordesilhas) entre os reinos de Espanha e Portugal, e a polêmica trajetória do cacique Nicolau Neenguiru, dito por alguns da época como mero líder indígena e tido por outros, o Marques de Pombal dentre eles, como o Nicolas I, o rei da República Guarani; e a dispersão dos nativos no pós-Reduções, na condição de uma massa impressionantes de gente sem rumo mas com certo grau de alfabetização (destoando de boa parte da população brasileira da época, por exemplo) e habilidades agrícolas e, o mais incrível, tementes a Tupã (Deus) mesmo com o decorrer dos anos sem os jesuítas diariamente por perto, como consequência do longo método de vassalagem espiritual no qual se envolveram por décadas, como indica uma carta redigida em guarani solicitando auxílio de 1768, escrita por caciques da região de São Luiz Gonzaga, no coração da porção brasileira das Missões, ao governador da Província de Buenos Aires Francisco Bucarelli (ALVES FILHO, 1999: 113):

“Nós, a municipalidade (cabildo), e todos os caciques e índios, mulheres e crianças de S. Luís, rogamos a Deus que tenha em Sua santa guarda Vossa Excelência, que é nosso pai. (...) Cheios de confiança em Vossa Excelência vimos, com toda a humildade e de lágrimas nos olhos, suplicar que seja permitido aos filhos de Santo Inácio, aos padres da Companhia de Jesus, continuarem residindo entre nós e aqui permanecerem sempre. Pelo amor de Deus, suplicamos a Vossa Excelência que se digne pedir isso ao rei. Toda a nossa aldeia, homens, mulheres, crianças, e sobretudo os pobres, dirigem-vos esta súplica, os rostos banhados de lágrimas”.

A análise e a compreensão de fenômenos como os quatro supracitados, portanto, estão no cerne do presente estudo, tentando compreender a relevância dos processos comunicacionais neles embutidos. Sobre Nicolau/Nicolas I, um folhetim surgido na França em 1756 espelha substancialmente a relevância e impacto dos processos comunicacionais escritos, em detrimento da oralidade. Denominado *Nicolas I. Roy du Paraguai et em Pereur des Mamelus*, o texto detratava essa figura, como sendo o expoente máximo de uma trama jesuítico-guarani de criar um país neste pedaço da América, livre de Portugal, Espanha e Vaticano. GOLIN (1998: 424), citando ASSIS BRASIL (1935: 72) escreve que o panfleto foi concebido por Pombal e levado a cabo por seu representante de publicidade no estrangeiro, Nicolas Pagliarini, com a meta de colaborar legitimar o processo de em andamento de extinção das Reduções. Como se nota, o fluxo comunicacional sobre o que ocorria naquele canto da América reverberava com força na Europa, formando uma variável além-mar do processo comunicacional missioneiro.

É da mesma década – 1750 – o período de outro fantástico documento, o *Diário da Expedição e Demarcação da América Meridional e das Campanhas das Missões do Rio Uruguai*, de José Custódio Sá e Freire, oficial português que comandaria o desterro de guaranis e inacianos dos Sete Povos, com seu ápice em 1756, segundo QUEVEDO (1993: 17).

É no extenso legado escrito de Sá e Faria (GOLIN, 1998: 427), aliás, que constam registros sobre a morte e decapitação de Sepeê, o Sepé Tiaraju, provavelmente o mais famoso guarani dos Sete Povos e que teria dito uma frase, quando da batalha que culminaria com sua morte, que ainda hoje embala o imaginário missioneiro, a de que “esta terra tem dono”. QUEVEDO (2007: 132) fala:

“A Batalha do Caiboaté dignificou-se na memória do guarani-missioneiro, no imaginário social e coletivo, o qual ultrapassou os limites daquele fato histórico e transformou-se num mito. A sua morte virou uma lenda guardada e reconstituída no imaginário coletivo popular do indígena, reescrita também em versões eruditas (como) a lenda Lunar de Sepé”.

Esse princípio da reconstituição dos fatos, aliás, está no cerne da cultura letrada que os jesuítas implantaram no universo platino. É sabido que o campo da Comunicação também opera com esse mecanismo de reconstrução da memória coletiva e, em especial, da memória de fatos que, em sua época de acontecimento, pudessem ser taxados de *notícia*. Compreender, portanto, diversos momentos da existência jesuítica

na América Missioneira, sob as formas já descritas (como a catalogação da cartografia local e o cruzamento de versões sobre certos acontecimentos, dentre outras) é fornecer subsídios para a formulação e reformulação dessa memória coletiva, algo que centenas de pesquisadores e instituições têm feito nos últimos anos no Brasil, por exemplo, por conta de recuperar e tornar pública uma vastíssima história dos meios de comunicação no país e adjacências.

Recuperar e debater o que se pode chamar de *sistema missioneiro de comunicação* é estimular a compreensão de uma época, como mencionado em outro momento deste anteprojeto, ímpar na trajetória do continente. No mesmo período em que índios guaranis, através de uma dessas ferramentas do referido sistema (as cartas), tentavam retomar uma proposta um tanto utópica de vida social, o Brasil como um todo ainda se encontrava mergulhado na escuridão que a ausência da cultura letrada provoca. Laurentino GOMES, em seu livro *1808* (2007: 124) ilustra bem tal visão, de atraso provocado pela censura Real à formação de mídias, citando Roberto Pompeu de TOLEDO:

“Devido à precariedade das comunicações com o interior da Colônia, a notícia da morte do rei D. João I, em 1777, levou três meses e meio para chegar a São Paulo. Duas décadas e meia mais tarde, a Província de São Pedro do Rio Grande (atual Estado do Rio Grande do Sul), demorou três meses e treze dias para saber que Portugal e Espanha estavam em guerra. Quando a notícia chegou, no dia 15 de janeiro de 1801, fazia nove dias que o confronto terminara, com a derrota de Portugal”.

Transportada apenas pelos precários canais da Realeza (que incluía a transmissão oral de muitos acontecimentos), a notícia chegara tão atrasada que, mesmo findando o confronto na Europa, escaramuças aconteceram em solo gaúcho, com apressados militares portugueses tomando terras espanholas de Oeste a Sul da Província, invertendo o saldo final em relação à Europa, quando espanhóis, como dito na transcrição, acabaram vencedores.

Era, portanto, um cenário bastante distinto que havia no Brasil em relação ao quadro europeu (onde jornais pululavam desde 1660, pelo menos), exceção ao espaço platino. Mesmo a oralidade era um tanto diferente do esquema dos países do Norte do mundo. DARNTON (2003: 42) descreve características da oralidade européia, com a conseqüente formação de redes informacionais, ao contar sobre a Árvore da Cracóvia

parisiense, em 1750, um lugar para onde “diplomatas estrangeiros supostamente enviavam agentes para colher notícias, ou plantá-las”, junto à Árvore. Continua o autor:

“Havia vários outros centros nervosos de transmissão de 'rumores públicos' (bruits publics), como essa variedade de notícia era conhecida: bancos especiais nas Tulherias e no Jardim de Luxemburgo, pontos de oradores informais no Quai des Augustins e no Pont-Neuf, cafés conhecidos por sua convenção livre e bulevares onde novos comunicados eram vociferados por vendedores de *canards* (panfletos satíricos) ou cantados por tocadores de realejo. Para ter acesso às notícias, bastava postar-se nas ruas e manter os ouvidos atentos”.

A seu modo, jesuítas missioneiros e índios guaranis tinham na praça central das Reduções a sua Árvore da Cracóvia e seus *canards* não eram irônicos, mas catecistas da fé e do idioma nativo. E boa parte do que ocorria naquele pedaço da Redução restou como legado às gerações posteriores, de modos diversos – peças artísticas, escritos de toda espécie, hábitos gastronômicos, letramento coletivo, edificações arquitetônicas, etc -, de maneira tão relevante a ponto de comporem parte do chamado Patrimônio Cultural da Humanidade, conforme a Unesco, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

E, pondera-se, o mesmo legado das Letras contribuiu sobremaneira para que, no alvorecer do século 19, ganhasse ímpeto uma Imprensa sul-riograndense, em uma condição anterior a muitos outros Estados (então denominados Províncias brasileiras). MIRANDA e LEITE (2008), em *Jornais raros do Musecom: 1808 – 1924*, apontam que, entre 1821 e 1830, por exemplo, circularam no RS periódicos (todos com grafia original) como O Amigo do Homem, e da Patria (criado em 1829); O Constitucional Rio-Grandense (1828); Diario de Porto Alegre (1827); e Sentinella da Liberdade (1830). Ao avançarmos no tempo, para o espaço 1831-1840, o volume será ainda maior (vide títulos como A Idade D'Ouro, Idade de Pau, O Republicano, O Echo Porto Alegrense, O Inexorável, Themis e outros tantos) especialmente por conta do belicismo da Revolução Farroupilha (1835-1845), na qual os dois lados viam a relevância da circulação de jornais panfletários.

Não por acaso, enfim, na década de 1820, quando de sua passagem pelo Rio Grande do Sul, o viajante e botânico francês Auguste de Saint-Hilaire ter classificado Porto Alegre como um lugar com uma vida social tão agitada quanto as cidades européias.

Referências bibliográficas

- ALVES FILHO, Ivan. **Brasil, 500 anos em documentos**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999
- ASTRAIN, Antonio. **Jesuitas, guaraníes y encomenderos**. Assução: Cepag, 1995
- BANGERT, William. **História da Companhia de Jesus**. Porto/São Paulo: Apostolado da Imprensa/Loyola, 1972.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington** – um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
- DOHMANN, Karina; AMABLE, Maria Angélica. **Historia del Montoya**. Posadas: Isarm, 2002
- GAUZ, Valéria. Missões Jesuíticas no Paraguai – I, disponível em http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=164, acesso em abr. 2009
- GOLIN, Tau. **A Guerra Guaranítica**: como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Ediupf, 1998 / Porto Alegre: Editora da Universidade-UFRGS, 1998
- GOMES, Laurentino. **1808**: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil. São Paulo: Planeta, 2007
- KERN, Arno. **Utopias e missões jesuíticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994
- KOSTIANOVSKI, Olinda Massare de. Manifestaciones culturales em las Reducciones Jesuíticas. In: Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, 7., 1987, Santa Rosa. **Anais**:... Santa Rosa: Centro de Estudos Missioneiros, 1987, p. 82-96
- LEITE, Serafim. **Suma histórica da Companhia de Jesus**: assistência de Portugal, 1549-1760. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965
- MIRANDA, Maria Eckert; LEITE, Carlos Roberto Saraiva da Costa. **Jornais raros do Musecom**: 1808 – 1924. Porto Alegre: Museu da Comunicação Social, 2008.
- MONTOYA, Antonio Ruyz de. **Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985.
- PLA, Josefina. **Obras completas**, disponível em www.bvp.org.py/biblio_htm/pla1/cultura_libro.htm, acesso em ago. 2008
- PINTO, Virgílio Noya. **Comunicação e cultura brasileira**. São Paulo: Ática, 2000.
- QUEVEDO, Júlio. **As Missões** – crise e redefinição. São Paulo: Ática, 1993
- _____. As Missões jesuítico-guaranis. In: BOEIRA, N.; GOLIN, T (orgs). **História geral do Rio Grande do Sul, volume 1, Colônia**. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 103-133

Anexos

1



2



